



## O FENÔMENO MIGRATÓRIO HAITIANO E SUA IMPLICAÇÃO NO UNIVERSO DA EDUCAÇÃO

### THE HAITIAN MIGRATORY PHENOMENON AND ITS IMPLICATION IN THE UNIVERSE OF EDUCATION

#### ARTIGO

##### Valnei Brunetto <sup>i</sup>

Pastoral do Imigrante de Xaxim  
E-mail: [frbrunei@yahoo.com.br](mailto:frbrunei@yahoo.com.br)

##### Cláudia Battestin

Universidade Comunitária da Região de Chapecó  
E-mail: [battestin@unochapeco.edu.br](mailto:battestin@unochapeco.edu.br)

##### Leonel Piovezana

Universidade Comunitária da Região de Chapecó  
E-mail: [leonel@unochapeco.edu.br](mailto:leonel@unochapeco.edu.br)

#### RESUMO

O presente artigo é resultante de uma investigação bibliográfica e busca estabelecer uma aproximação e possível diálogo entre o fenômeno migratório hodierno e o universo da educação, reflexionado a partir do espaço acadêmico e social de atuação, face ao recente fenômeno imigratório haitiano no Brasil. O intento é oportuno, pois quer trazer à baila um assunto que precisa ganhar espaço e protagonismo. Trata-se, pois, do fenômeno migratório global, o qual será refletido a partir do processo imigratório haitiano no Brasil, desencadeado substancialmente a partir dos primeiros meses do ano de 2010, por ocasião do terremoto que atingiu a capital do país, Porto Príncipe. No bojo de tal processo está a busca por melhores condições de vida, o que implica a busca pela inserção no universo educacional, estabelecendo, desta forma, uma interface entre o fenômeno migratório haitiano e o campo da educação, singularmente no que se refere à educação de nível superior.

**Descritores:** Migração. Globalização. Haitianos. Educação.

#### ABSTRACT

This article is the result of a bibliographical research and seeks to establish an approximation and possible dialogue between the current migratory phenomenon and the universe of education, reflected from the academic and social space of action, in view of the recent Haitian immigration phenomenon in Brazil. The intent is timely, because it wants to bring up a subject that needs to gain space and protagonism. It is therefore a question of the global migration phenomenon, which will be reflected in the Haitian immigrant process in Brazil, triggered substantially from the first months of 2010, on the occasion of the earthquake that hit the capital of the country, Port-au-Prince. At the heart of this process is the search for better living conditions, which implies the search for insertion in the educational universe, establishing, in this way, an interface between the Haitian migratory phenomenon and the field of education, especially with regard to education of higher level.

**Descriptors:** Migration. Globalization. Haitians. Education.

Editor deste número da RECS:  
Dr. Lucio Jose Dutra Lord  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
e-mail: [revistaedu@unemat.br](mailto:revistaedu@unemat.br)

## 1 INTRODUÇÃO

### UM MOVIMENTO GLOBAL

Reflexionar o tema da migração é tocar numa das condições de vida humana mais sensíveis da humanidade nessa segunda década do século XXI. Isso porque, essa já não é mais uma realidade única e exclusiva de um grupo étnico, político ou religioso, nem mesmo de uma região ou nação específica. O fenômeno migratório é uma realidade que extrapola os limites de pertencimento étnico-racial, político-ideológico, religioso confessional ou mesmo geográfico e/ou territorial. Ou seja, trata-se de um movimento global, presente e perceptível nas mais diferentes regiões e contextos do mundo contemporâneo.

O Papa Francisco, no ano de 2014, ao abordar o tema da migração num dos seus discursos proferidos no Vaticano, em Roma, por ocasião do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, assim se pronunciou: “nenhum país pode enfrentar sozinho as dificuldades associadas a esse fenômeno que, sendo tão amplo, já afeta todos os continentes com o seu duplo movimento de imigração e emigração” (2016, p. 39).

No olhar de Castro (1966), evidencia-se que, se por um lado, o ato de migrar revela-se como uma característica essencialmente humana, por meio do qual o ser humano vai em busca de melhores condições de vida e dignidade para si e para os seus, por outro, este movimento pode ser consequência de um ato involuntário e indesejado. Contudo, diante da imposição da força, da ameaça e da perseguição do outro, torna-se a única alternativa possível, no sentido de preservar a vida, tanto pessoal quanto familiar, na busca pela sobrevivência, diante de tais adversidades.

Segundo estatísticas publicadas pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), somente no ano de 2014, cerca de 60 milhões de pessoas encontravam-se forçadamente deslocadas no mundo, das quais, aproximadamente 19,5 milhões na condição de refugiados. Já no ano seguinte, 2015, segundo o mesmo Órgão, “esses números cresceram significativamente, configurando a maior crise migratória desde a Segunda Guerra Mundial” (VV.AA, 2015, p. 7). Os dados revelam, pois, que dezenas de milhões de pessoas de diferentes partes do mundo tiveram que abandonar as suas casas, os seus países e até mesmo os projetos de vida pessoal traçados, para buscar refúgio e auxílio em outros países, em decorrência de uma série de fatores, dentre os quais, ameaças e perseguições de grupos e/ou partidos, motivados por questões étnicas, religiosas, político-ideológicas, territoriais, mas também em decorrência de catástrofes naturais.

Naturalmente, as injustiças e desigualdades econômicas e sociais gestadas e extensivamente disseminadas pelo sistema capitalista global atual incidem de forma direta e peremptória no estímulo e desenvolvimento da ação migratória, em seu duplo movimento, de emigração e imigração.

Junto com as dimensões planetárias dos negócios, das finanças, do comércio e do fluxo de informação, é colocado em movimento um processo “localizador”, de fixação no espaço. Conjuntamente, os dois processos intimamente relacionados diferenciam nitidamente as condições existenciais de populações inteiras e de vários segmentos de cada população. O que para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel. (BAUMAN, 1999, p. 8).

Ao se referir a debandada massiva de palestinos e sírios para o Continente Europeu no ano de 2016, num ato desesperador de fuga, frente ao horror e a violência causadas pela guerra naqueles países, o Papa Francisco (2016) se pronunciou afirmando que o Mar Mediterrâneo é um cemitério, e a imigração, a maior crise humanitária depois da Segunda Guerra Mundial, onde mais de 65 milhões de pessoas no mundo tiveram que abandonar os seus lares. No bojo desse mesmo contexto, do recente e dramático fenômeno imigratório para a Europa, também o então Primeiro Ministro da Itália, Matteo Renzi chamou a atenção da União Europeia, com relação às medidas políticas adotadas por ela. Envolto num contexto em que os imigrantes recorriam ao Continente em busca de refúgio e auxílio, Matteo Renzi sustentou a necessidade do Continente Europeu ajudar no desenvolvimento dos países africanos. Caso contrário, este estaria

desperdiçando o seu tempo, sublinhou o Primeiro Ministro.

Neste sentido, o deslocamento migratório atual revela-se como uma das consequências mais reais e pungentes a denunciar um processo de globalização cada vez mais assimétrico, segregador e, conseqüentemente, marginalizador e excludente. Tal afirmação encontra repercussão no pensamento de Zamberlam *et al* quando assevera que: “no pós Segunda Guerra Mundial, existiam milhões de refugiados e deslocados que foram acolhidos por nações solidárias” (2016, p. 13). Hoje, contudo, frente às profundas crises financeiras e econômicas que afetam os países e os continentes, há uma tendência perversa e excludente de fechamento e repulsa, ante o fenômeno da imigração que assola principalmente os países e os povos mais empobrecidos e, conseqüentemente, menos desenvolvidos.

## **2 A GLOBALIZAÇÃO E O FENÔMENO MIGRATÓRIO CONTEMPORÂNEO: INGERÊNCIAS**

Ao aprofundarmos o tema da globalização, enquanto um processo vigente no mundo contemporâneo há que se reconhecer, de imediato, que este apresenta duas facetas muito distintas, quando não, contraditórias. Ou seja, se por um lado o processo de globalização mundial consegue romper barreiras, ultrapassando as fronteiras geográficas, subtraindo as distâncias, sobretudo a partir da tecnologia informatizada e, com isso, otimizar o tempo de comunicação entre as pessoas, tornando-a ainda mais ágil, dinâmica e objetiva, mesmo a milhares de quilômetros de distância, fomentando, desta forma, uma mobilidade humana sem precedentes, por outro lado, revela-se como um sistema profundamente cerceador de direitos e liberdades, restringindo ou mesmo impedindo o livre ato de ir e vir, chegar e permanecer. Na análise de Zygmunt Bauman: “a globalização tanto divide como une; divide enquanto une – e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo” (1999, p. 8). Pensar nesta perspectiva é fundamental e extremamente relevante, na medida em que elucida o fenômeno migratório, seja na sua dinâmica de emigração ou imigração, como um movimento em ebulição, no interior do processo de globalização. Ou seja, já não é possível separar ambos os processos, pois, neste caso, a migração contemporânea não apenas está intimamente imbricada a essa sociedade complexa e globalizada, senão, que é alavancada pelos seus efeitos.

Na perspectiva de Zamberlam *et al*, (2016, p.32) mais que um fluxo natural de mobilidade humana, os processos migratórios que ocorrem em âmbito nacional ou internacional, nesta segunda década do século XXI, são um reflexo das assimetrias das relações socioeconômicas vigentes em nível planetário. Segundo esses autores, esse fenômeno das migrações revela-se como que um termômetro que indica as contradições das relações internacionais e da globalização neoliberal implantada no final do século XX. Assimetrias essas, que cada vez mais tendem a se agravar, estabelecendo uma cisão entre as sociedades, as quais passam a ser divididas entre vencedoras e perdedoras. Ou seja, se a globalização tornou o mundo mais interdependente por um lado, por outro, ela cerceia os direitos e as liberdades dos povos, aprofundando as desigualdades e reduzindo a autonomia governamental dos países em desenvolvimento, tolhendo-lhes o pleno controle das suas economias e fronteiras. Para Alvarez (2017) a globalização tem ajudado centenas de milhões de pessoas a escaparem da linha da pobreza, reduzindo custos de bens manufaturados para os consumidores de todo o mundo, proporcionando uma mobilidade sem precedentes. Outrora, aumentou as desigualdades dentro dos países e reduziu o poder dos governos para controlar suas fronteiras e suas economias.

Para o Papa Francisco (2016, p.39) sempre atuante a denunciar as causas propulsoras dos fluxos migratórios atuais, desequilíbrios socioeconômicos e uma globalização sem regras são as molas impulsionadoras que se encontram na base do movimento migratório mundial, em que as pessoas são mais vítimas desse sistema que se impõe em escala global, do que protagonistas de um fenômeno essencialmente humano, que visa romper com um ciclo de violência, miséria, exclusão e discriminação, buscando novos espaços para reconstruir a vida e a história pessoal e/ou familiar. No ano de 2007, os Bispos da Conferência Episcopal Latino Americana – CELAM, atentos às questões preocupantes do mundo moderno/pós-moderno, reunidos na 5ª Conferência Episcopal, realizada em Aparecida do Norte - SP, apontaram para a questão da globalização, e as conseqüências advindas desse processo. Segundo o documento a globalização é a causa de muitas violações de direitos humanos e faz emergir em nossos povos, novos rostos de excluídos.

Entre eles, estão as comunidades indígenas e afroamericanas que, em muitas ocasiões, não são tratadas com dignidade e igualdade de condições; muitas mulheres são excluídas, em razão de seu sexo, raça ou situação socioeconômica; jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidades de progredir em seus estudos nem de entrar no mercado de trabalho para se desenvolver e constituir uma família; muitos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal; meninos e meninas submetidos à prostituição infantil, ligada muitas vezes ao turismo sexual; também as crianças vítimas do aborto. Milhões de pessoas e famílias vivem na miséria e inclusive passam fome (DAp, 2009, p. 39).

Assim como expõe o fenômeno migratório contemporâneo, outras realidades humanas concomitantemente degradantes, tais como as que foram citadas acima, também denunciam um processo de globalização que não parece estar favorecendo a todos igualmente. Muito pelo contrário. Como assegura Bauman: “uma parte integrante dos processos de globalização é a progressiva segregação espacial, a progressiva separação e exclusão” (1999, p. 9).

## **2.1 A EMIGRAÇÃO HAITIANA NO CONTEXTO DA MIGRAÇÃO MUNDIAL**

O ato de migrar é algo inerente, ou seja, compõe uma das características basilares do próprio ser humano. Segundo Bordignon, “todos nós migramos ou descendemos de quem migrou ou continua migrando” (2016, p. 29). Tal pensamento encontra ressonância em outros estudiosos da questão migratória, quando estes atestam que migrar é um direito humano e, como tal, se caracteriza como um direito universal (ZAMBERLAM, 2016, p. 63). Estas afirmações, somadas a tantas outras, denunciam essa que é, certamente, uma das maiores mazelas que afligem a humanidade na atualidade, que é a questão da migração, em seu duplo movimento de emigração e imigração e do refúgio em massa de pessoas que, perseguidas e amedrontadas por sistemas sociopolíticos, econômicos, culturais, ou mesmo por grupos étnicos e/ou religiosos são forçados a migrar, na esperança de reconquistar um novo chão e um novo lar, o que significa, na prática, reconquistar o direito à vida (FERNANDES, 2014, p. 126).

O processo de emigração haitiana para o Brasil, desencadeado substancialmente a partir dos primeiros meses de 2010, também não foge à regra. Sem dúvida, o terremoto que atingiu e praticamente destruiu a capital, Porto Príncipe, em janeiro daquele ano, vitimando mais de 200 mil pessoas e deixando milhares de outras pessoas desabrigadas, contribuiu de maneira ainda mais acentuada, para o processo de emigração em massa da sua população para o Brasil. Mas esse certamente não foi o único fator determinante de tal processo. Há que se reconhecer que a prática emigratória de haitianos<sup>1</sup> para outros países, e mesmo para outros continentes, já era amplamente exercitada por um contingente expressivo da população daquele país, muito antes de 2010. As informações revelam que milhões de haitianos já viviam no exterior, antes mesmo dessa debandada desenfreada para o Brasil, após a catástrofe ambiental que atingiu e assolou o país, em janeiro daquele ano. Conforme os registros, milhares de haitianos já viviam em países como os Estados Unidos da América, República Dominicana, Cuba, Canadá (especialmente na capital – Montreal), nas Bahamas, na França, nas Antilhas Francesas, em Turks e Caicos (no Reino Unido), na Jamaica, em Porto Rico, na Venezuela, na Guiana Francesa e até mesmo no Brasil, mesmo que em números infinitamente menores, comparados aos atuais. De qualquer forma, calcula-se que somente nos USA já viviam mais de 881.500 haitianos; mais de 800 mil na República Dominicana; 300 mil em Cuba; 100 mil no Canadá; aproximadamente 80 mil na França e praticamente o mesmo número nas Bahamas. Além disso, um número proporcionalmente menor de imigrantes haitianos é encontrado em países como Chile, Suíça, além de Japão e Austrália (WORLD BANK, 2011; FERNANDES, 2014, p. 11).

Estes dados indicam que o ato migratório da população haitiana se dá praticamente de forma ininterrupta ao longo de todo o processo histórico daquele país ou, pelo menos, durante boa

---

<sup>1</sup> Para o doutorando Luís Felipe Aires Magalhães, “é na história haitiana, especialmente sua história de luta, independência e de invasões militares estrangeiras, em que reside o elemento fundante desta tradição de povo migrante, acostumado a migrar para países como Estados Unidos, Canadá e França” (MAGALHÃES, 2014, p. 2).

parte dele. Não obstante esse fenômeno quase que cultural<sup>2</sup> de emigração da população haitiana, o pesquisador Duval Fernandes afirma que diversos foram os motivos pelos quais os haitianos deixaram o seu país, rumo ao Brasil. No entanto, para muitos deles, o terremoto foi o que os fez deixar o país, pois muitos perderam tudo o que tinham, inclusive a família e/ou parentes. Isso se comprova nas palavras de uma imigrante haitiana, “deixei o meu país por vários motivos. Logo após o terremoto, eu não tinha condições de bancar a minha família porque eu era comerciante. Eu perdi tudo o que tinha” (FERNANDES, 2014, p. 70). Diante desse cenário de destruição e caos, muitos deles partem em busca de condições de vida mais humana e digna, com melhores condições de trabalho e estudo.

Somado a tudo isso está o fato de que quase 45% da população atual do Haiti vive em condições de subnutrição, sendo que apenas 17% têm acesso à rede sanitária de saneamento básico, o que implica no florescimento de doenças e mortes da população, o que poderia ser evitado. Isso denuncia que somente 1,5% do PIB do país são revertidos em prol da saúde da sua população, a qual, mais de 35% não é alfabetizada. Além disso, outro dado revela que 84% dos egressos universitários haitianos passam a viver fora do país<sup>3</sup> ao término de seus cursos superiores, o que revela o elitismo e a distância do ensino superior em relação aos problemas existentes no país (MAGALHÃES, 2014, p. 23).

Outra discrepância que tange a nação haitiana e que cada vez mais vai complexificando e aprofundando o fenômeno emigratório em massa da sua população é a agravante assimetria existente entre a posse de bens/riquezas materiais entre os seus concidadãos. Ou seja, números indicam que 1% da população mais rica do Haiti detém quase metade de toda a riqueza nacional daquele país. Esse dado é extremamente relevante, no sentido de que aponta para a emigração haitiana, imersa em um contexto socioeconômico muito mais amplo e complexo, sendo ela a “ponta desse iceberg”, que tem como base, o cenário da migração global, inflacionado essencialmente pela desenfreada concentração de renda de uns sobre a ampla maioria da população mundial, gerando profundas desigualdades e, conseqüentemente, injustiças sociais em âmbito planetário. Se o sistema neoliberal global impõe assimetrias, fomentando desequilíbrios socioeconômicos, políticos e culturais entre nações/países ou mesmo continentes, o mesmo se vê reproduzido, em proporções equivalentes, dentro de um mesmo território/país, entre os seus concidadãos.

Tudo isso demonstra que o fenômeno da emigração haitiana para o Brasil não é um acontecimento isolado, estanque e/ou separado de um movimento maior, mais abrangente e complexo, que é a questão da migração mundial. Além disso, essa decisão de migrar torna-se reveladora de inúmeros outros elementos que incidem sobre ela, sejam de ordem sociopolítica, econômica, religiosa, étnica, ou mesmo fruto de perseguições, ameaças, violências, ou ainda, gestada a partir de fatores naturais ambientais. De qualquer forma, o ato migratório evidencia uma gama de questões que estão submersas a esse processo e que, concomitantemente, torna-se ele próprio, dinamizador de novas experiências, relações, conhecimentos, aprendizados e, portanto, novos saberes.

## **2.2 DO HAITI PARA O BRASIL: ALGUNS DESDOBRAMENTOS DESSE FENÔMENO**

O movimento emigratório haitiano para o Brasil foi fortemente impactada após o maior terremoto da história do continente ter atingido o país, em janeiro de 2010, vitimando centenas de milhares de haitianos e deixando milhares de outros desabrigados. Nesse cenário caótico que se instalou no Haiti, o Brasil foi apresentado como uma opção atrativa para aqueles que buscavam uma nova chance para reconstruir a vida e os sonhos. Ou seja, da forma como o Brasil foi suggestionado aos haitianos, este seria um porto seguro de esperança para dias melhores (FERNANDES, 2014, p. 66). Contudo, tal perspectiva de realização não estava ao alcance de

---

<sup>2</sup> Segundo Magalhães, “as condições impostas pelo imperialismo ao país o condenou a uma posição subalterna na divisão interna do trabalho, a qual condiciona a formação histórica de fatores sociais, políticos e econômicos, de expulsão, engendrando no interior da sociedade haitiana uma tradição migrante” (MAGALHÃES, 2014, p. 1).

<sup>3</sup> A esse fenômeno tem se denominado de fuga de cérebros, referindo-se aos emigrantes haitianos que deixam o país, na sua ampla maioria, com formação acadêmica de nível superior. Ou seja, cidadãos haitianos que, naturalmente, pelo processo formativo trilhado, teriam a capacidade e as condições intelectuais de pensar e gestar outro país/nação possível para a sua população, já que estes tiveram o “privilegio” de uma formação diferenciada, diferentemente da ampla maioria da população do país.

todos, e sim, daqueles que, “em meio à miséria e aos escombros a que ficou reduzido o Haiti, conseguiram reunir, junto a seus familiares e amigos, alguns recursos mínimos para pagar o custoso e exploratório deslocamento do Haiti até a fronteira brasileira” (BORDIGNON, 2016, p. 68).

Como se pode perceber, este é um processo que, desde a sua gênese carrega consigo as marcas da exclusão, da exploração e do sofrimento, como a que relata uma imigrante haitiana, ao afirmar: “para mim foi muito difícil, porque o coioote pegou a minha casa no Haiti e deixou os meus filhos na rua. Falou que eu conseguiria este dinheiro em um ano, mas eu tenho já dois anos aqui, eu não tenho nem a metade desse dinheiro” (FERNANDES, 2014, p. 75). Além disso, são inúmeros os relatos de discriminação, roubos, inclusive cometidos por autoridades, além de ameaças sofridas no decorrer do trajeto até o Brasil (FERNANDES, 2014, p. 74).

Face a brevidade desse acontecimento, pode-se afirmar que a presença e a consequente convivência com esses imigrantes haitianos no cotidiano das relações humanas e sociais no Brasil são extremamente jovens. No entanto, tal acontecimento tem produzido inúmeros desdobramentos, alterando significativamente a dinâmica dessas relações, seja a partir de um determinado espaço físico como, por exemplo, o local de trabalho, seja a partir do ambiente educacional, ou ainda de modo menos particular e mais abrangente, no âmbito dos relacionamentos hodiernos, nos mais diversificados espaços públicos de convivência social.

A presença do outro, do migrante, do culturalmente diferente, naturalmente tem provocado na população local novos olhares, novas reflexões e, igualmente, novos comportamentos e atitudes. Ou seja, para além de um recolorir de etnias, crenças, costumes, valores, estilos, emergiram outras demandas, ainda mais complexas, como por exemplo, a exigência de conhecer e aprender outra língua. Elemento básico e, ao mesmo instante, fundamental para estabelecer o diálogo, a comunicação, o entendimento e, conseqüentemente, o acesso e a obtenção aos direitos básicos de saúde, educação, alimentação, moradia, entre outros, por parte do imigrante, e não menos importantes para os nativos.

Pesquisas realizadas confirmam ser o idioma o primeiro e mais importante fator de implicação do processo migratório. Para Fernandes (2014), o idioma aparece como a maior fonte de problemas apontada pelos haitianos. Nesse caso específico dos haitianos, “o idioma é uma grande barreira quando chegam ao Brasil. Como a língua oficial no Haiti é o francês e o Crioulo, muitos têm dificuldades para se expressar e serem entendidos” (PARISE, 2016, p. 27). O inverso disto também é verdadeiro. Como afirma Cotinguiba, “quando da chegada dos primeiros haitianos a Porto Velho, criou-se um mito de um povo falante de várias línguas, com ênfase no francês. Por algum tempo, por mais que tentássemos entender a coexistência do francês e do crioulo haitiano, não conseguíamos” (2014, p. 63).

Nota-se, pois, que a língua estrangeira é a primeira e a principal implicação da presença do imigrante haitiano em solo brasileiro. Contudo, ela também se torna a principal janela de abertura ao outro, ao diferente, potencializando o intercâmbio de novas relações, conhecimentos e saberes que florescem na proximidade, no acolhimento e na solidariedade como outro. Outro fator extremamente relevante desse fenômeno migratório de haitianos para o Brasil se refere à busca incessante destes, pela inserção no mercado de trabalho local. O que por vezes acaba frustrando as suas expectativas, pois na maioria dos casos a atividade exercida não corresponde às habilidades do interessado. Além disso, o valor salarial recebido por eles é muito aquém do idealizado por eles, sendo considerado por muitos, “insuficiente para sobreviver” (FERNANDES, 2014, pp. 63-64). Outros ainda apontam o ambiente de trabalho profissional como espaço de exploração e discriminação, conforme registrado na obra de Fernandes, “[...] eu passei três meses trabalhando na construção civil. A gente saiu do serviço por causa de discriminação. O chefe não deixava os haitianos descansar um pouco. Mas os brasileiros podiam ficar parados” (2014, p. 79).

Tais apontamentos demonstram que, se por um lado, o espaço do exercício laboral profissional pode suscitar e fomentar laços de proximidade e companheirismo, diálogo e respeito, aprendizados e enriquecimento cultural entre imigrantes e nativos e vice-versa, esse mesmo ambiente pode se tornar um local do não acolhimento, da não aceitação e, conseqüentemente, de práticas de discriminação e exploração do outro. Ao invés de ser um espaço para a convivência social, numa troca recíproca de conhecimentos e aprendizados com o outro, torna-se um local fomentador de atitudes xenofóbicas, de repulsa e reprovação da cultura, dos saberes e dos valores do outro. Saber! Eis aí outro fator implicante do fenômeno emigratório haitiano para o Brasil, o que demonstra ser a educação, uma das molas propulsoras a dar dinamicidade e vitalidade a esse processo. Fato é que não são poucos os imigrantes haitianos que, segundo

Fernandes (2014), atestam a vinda ao Brasil como possibilidade de uma vida melhor, o que inclui o acesso à educação, particularmente a educação de nível superior.

Segundo a pesquisa coordenada por Duval Fernandes, a possibilidade de dar continuidade aos estudos no Brasil aparece em segundo lugar, numa relação das principais razões que motivam a imigração haitiana para o Brasil. O que confirma ser a educação, um dos esteios de sustentação do fenômeno emigratório haitiano para o Brasil. Estes são apenas alguns dos desdobramentos desse processo desencadeado a partir do início de 2010 e que permanece em vigor na atualidade, fazendo da presença do imigrante haitiano, um sujeito que instiga, provoca e convoca a novas leituras e aprendizados; olhares e reflexões; atitudes e ações de acolhimento, educação e solidariedade para com estes que fazem do ato de imigrar, a esperança derradeira para reconstruir a vida e os sonhos, mesmo diante das vertigens que o fenômeno provoca.

Vale destacar ainda que, apesar da relativa brevidade desse fenômeno, do ponto de vista acadêmico, da pesquisa e da produção de novos conhecimentos, a emigração haitiana e a conseqüente imigração dos mesmos no Brasil, ocorrida essencialmente a partir de 2010 tem possibilitado e potencializado inúmeros trabalhos de conclusão de cursos, dissertações e teses, nas mais diversificadas áreas do saber. Toda essa gama de produção intelectual revela a riqueza desse fenômeno emigratório, do ponto de vista acadêmico, sendo que um dos aspectos para os quais os estudos apontam e que demonstra ser consenso entre os pesquisadores desse tema é o de uma clarividente ausência de uma política brasileira que contemple as necessidades imediatas desses imigrantes, particularmente no que se refere ao acesso e inserção desses imigrantes nos espaços oficiais da educação formal, singularmente no que tange à educação de nível superior (COTINGUIBA & COTINGUIBA, 2014). Tal evidência se confirma por meio da fala de uma imigrante haitiana, residente na cidade de Porto Velho-RO, quando esta atesta: “no meu país tem pouco emprego, eu tinha que deixar o país atrás de oportunidades – quem aqui que é mãe e quer ver seus filhos sofrerem, passar fome, não tem condições de estudar. Esta foi a minha decisão de deixar o Haiti” (FERNANDES, 2014, p. 70).

Assim como o trabalho, a educação surge como fator que se impõe, face a essa nova exigência suscitada pelo fluxo migratório haitiano para e no Brasil. Depoimentos que atestam isso não faltam. Como afirma a fala do jovem haitiano realizada na cidade de Porto Velho (RO): “se você só estuda no Haiti você não tem valor, mas se você estudar em outro país, quando volta aí você tem todo o respeito” (COTINGUIBA, 2014, p. 64). O que confirma, no olhar do imigrante, o Brasil como um local oportuno de um estudo qualificado e diferenciado. Além disso, tal depoimento é de extraordinária preciosidade, pois aponta para um dos elementos substanciais no que tange a presença do migrante haitiano em solo brasileiro, que é a questão da educação. Em primeiro lugar, indica o aspecto valorativo da educação, no sentido de que para muitos haitianos, ela é vista como uma oportunidade única de ascensão social. Isso porque, a conquista educacional de nível superior reflete todo um valor simbólico. Ou seja, para o imigrante que retorna ao seu país, esse saber adquirido em terras estrangeiras torna-se sinônimo de reconhecimento e status perante os seus familiares e a sociedade. E, mais do que isso, esse nível de conhecimento potencializa o sujeito a ganhos financeiros mais expressivos, o que contribui para melhorar a vida pessoal e, igualmente, de familiares e pessoas próximas, o que também é alvo de interesse e que potencializa esse fenômeno migratório haitiano para o Brasil (FERNANDES, 2014, pp. 69-70).

Para um grupo de pesquisadores da questão migratória do Rio Grande do Sul – RS, “o desejo do migrante é ter uma vida digna para si e para os seus, dando coragem e forças para partir em busca do novo. Novo que significa ser liberto da miséria, encontrar segurança, trabalho, ter mais instrução, conhecer e possuir mais, para ser mais pessoa” (2014, p. 34). Tal afirmação encontra reverberação no que parece ser a tônica de uma mesma retórica, constantemente reproduzida nos discursos dos imigrantes haitianos, como a que diz respeito ao testemunho de um jovem haitiano que residia na cidade do Rio de Janeiro (RJ) e que mais tarde se mudou para a cidade de Foz do Iguaçu (PR), exatamente para ingressar numa instituição de ensino superior, a Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA). Palavras do jovem: “Para mim, e para a maioria dos haitianos, a educação é a chave do sucesso.... Pois, apesar de tudo, estudante em cinema e audiovisual, eu vejo a luz no final do túnel, e isso é um sinal de vitória (COTINGUIBA, 2014, p. 77). Contudo, ascender a uma vaga no ensino superior brasileiro quase sempre não é uma tarefa fácil. Quanto mais, ao se tratar de imigrantes. Segundo Cotinguiba, “os desafios que um país enfrenta ao permitir que imigrantes entrem e passem a residir em seu território são múltiplos, e a educação faz parte da tônica central que opera em uma via de mão

dupla, isto é, para o imigrante e para a sociedade nacional residente” (2014, p. 84).

Para o imigrante haitiano, como já mencionamos, a barreira linguística é, sem dúvida, o primeiro obstáculo a ser superado no sentido de pleitear uma vaga no âmbito da educação de nível superior. “O fato de não saber o português cria obstáculos para fazer cursos em qualquer escola, inclusive escolas de formação técnica, como SENAC e SENAI” (FERNANDES, 2014, p. 83). Outro entrave que se impõe e que dificulta o acesso do migrante haitiano ao universo da educação superior se refere à questão burocrática, “... pois as exigências para a equivalência de diplomas e certificados são maiores do que as possibilidades financeiras e de obtenção da documentação pelos haitianos” (FERNANDES, 2014, p. 59). O que expõe as limitações das políticas públicas educacionais do país, bem como as fragilidades dessas mesmas políticas, voltadas à questão imigratória. Face a tudo isso, muitos imigrantes tecem duras críticas a esse sistema, tal qual a feita por um imigrante haitiano, residente na cidade de São Paulo. Diz ele: “a maioria das pessoas que vem aqui são estudantes; pensávamos que o sistema educativo do Brasil daria mais facilidade para fazer faculdade, mas aqui no Brasil tem mais prioridade para entrar na construção civil do que para fazer um curso na faculdade” (FERNANDES, 2014, p. 83).

Tais desdobramentos evidenciam a não existência, ou mesmo a não eficiência de uma política educacional específica de acesso e permanência do migrante, particularmente haitianos, na educação de nível superior no Brasil. E não apenas isso. Pois há migrantes que mesmo tendo concluído todo o curso no país de origem, não conseguem exercer a profissão no Brasil, por falta do reconhecimento institucional, por parte dos órgãos competentes desse saber. Um exemplo emblemático disso é o caso do “haitiano que havia estudado e concluído o curso de medicina na República Dominicana e, mesmo portando toda a documentação, não podia exercer a sua profissão, devido a esses entraves burocráticos” (COTINGUIBA, 2014, p. 73). Outro fator que incide e dificulta ainda mais o acesso e a permanência do migrante no sistema educacional brasileiro de nível superior é a carga excessivamente pesada de trabalho que muitos haitianos se impõem, como forma de sobreviver e auxiliar, na medida do possível, os familiares que permaneceram no país de origem. Como atesta um deles, que reside em São Paulo: “a situação do haitiano que trabalha aqui no Brasil é complicada para fazer um curso, porque a gente trabalha oito horas por dia. E sim, ele quer ganhar horas extras para ajudar a sua família e talvez ele vai sair às 8 ou 9 horas da noite. Como essa pessoa vai ter tempo para fazer faculdade?” (FERNANDES, 2014, p. 83).

Por fim, segundo Cotinguiba (2014) há que se considerar que, quanto maior a burocracia existente, maiores serão as barreiras geradas, implicando, necessariamente, em tempo e dinheiro. Fatores que interferem e que, quase sempre, se tornam decisivos, no que se refere à exclusão do sonho à educação de nível superior, por parte do migrante haitiano em solo brasileiro. Para o autor, “os desafios que os haitianos encontram no Brasil, no campo da educação, apresenta um quadro flagrante da ausência de uma política de migração e, neste caso, de um despreparo quanto a esse fluxo migratório” (2014, p. 79). Afinal, muito mais do que o acesso a um benefício, a educação passou a ser considerada pelo migrante haitiano como o portal da esperança, a partir da qual se torna possível vislumbrar um novo patamar de possibilidades e, conseqüentemente, uma nova condição humana, de maior dignidade e potencialidade de ascensão social, cultural e econômica para si e para os seus. Neste sentido, cabe às instituições de ensino superior do país não se eximirem de assumir o seu papel, em ofertar a sua parcela de contribuição, no intuito de fomentar e favorecer o acesso e a permanência do migrante haitiano em solo brasileiro, bem como o seu ingresso e pleno desenvolvimento nos espaços formais institucionais de educação no país.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao tecer algumas considerações finais, não temos a pretensão de dar o assunto por encerrado. O intuito é exatamente o oposto. Ou seja, objetiva-se realçar a problemática da migração, em seu duplo movimento de emigração e imigração, como uma realidade planetária que está posta. Não unicamente na forma imagética, estampada na tela de um aparelho eletrônico, senão, sensivelmente presente em rostos, sotaques e estilos distintos, a “desfilarem” pelas ruas, bem como por diversos outros espaços públicos e privados, das mais diversas cidades do país, estado e região Oeste de Santa Catarina.

Tal fenômeno tem se caracterizado, ao longo da história, com um ato genuinamente humano e que, por sua vez, passou a ser reconhecido como um direito fundamental de todo e

qualquer ser humano, independentemente da sua nacionalidade, etnia, cor, credo, ideologia política, condição socioeconômica e cultural. Contudo, para além de um mero fluxo natural de mobilidade humana, o atual fenômeno migratório global tem se revelado como um reflexo de questões mais amplas e complexas, tais como as assimetrias socioeconômicas, as desigualdades e injustiças sociais, além de conflitos e catástrofes que assolam países e continentes, de uma forma ainda mais incisiva e perversa, a começar pelos mais pobres e miseráveis do planeta.

Frente a esse cenário, mas de modo particular, no que tange à presença do migrante haitiano em solo brasileiro, há que se perguntar: o que a educação, enquanto espaço privilegiado do saber tem haver com isso? Compete à educação encontrar e apresentar caminhos e/ou soluções para tal problemática? Possivelmente, a educação, enquanto saber instituído, não possui todas as respostas. Até porque, estas estão permanentemente em fase de construção. No entanto, é do campo do saber que, a partir de uma reflexão contextualizada e aprofundada, desdobrada em uma linguagem acessível e assimilável, se espera um fecho de luz a clarificar as mazelas que afligem as sociedades contemporâneas, problematizando diálogos de enfrentamento e superação dessas mesmas mazelas.

Todo o conhecimento e o saber que emanam da atividade intelectual, fomentado especialmente no universo acadêmico, deve nos conduzir a estabelecer e efetivar pontes entre a realidade do hoje e o sonho de um mundo mais justo e igualitário, humano e digno, fraterno e tolerante amanhã. Isso pressupõe, necessariamente, uma educação capaz de gestar e efetivar condições para que o migrante haitiano se torne autor e sujeito da sua própria história, potencializando-o a superar, igualmente, a sua condição social, econômica e cultural. Conforme afirma o sociólogo, Pierre Bourdieu, se a instituição educacional é vista, por um lado, como um “engodo e fonte de uma imensa decepção coletiva” (1997, p. 483), por outro lado, ela é o lugar por excelência, da promoção do diálogo e do saber, em vista do enfrentamento e da superação das realidades de pobreza e miséria que assolam a humanidade no cenário mundial atual e, igualmente, na realidade local. Afinal, o que dizer da realidade vivenciada pelo migrante haitiano em solo brasileiro, senão uma condição de extrema vulnerabilidade humana e social, pulsando no hoje da vida, no chão que pisam os nossos pés?

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Ricardo. Deslocados. **Blog Controvérsia**. 2017. Disponível em: <http://controversia.com.br/2705>. Acesso em 7 de ago de 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BORDIGNON, Sandra de Ávila Farias. Inserção dos imigrantes haitianos nos contextos educativos escolares e não-escolares no Oeste Catarinense. **Dissertação de Mestrado**. Chapecó, Unochapecó, 2016.

CASTRO, Josué de. **Ensaio de Geografia Humana**. São Paulo: Brasiliense, 1966.

COTINGUIBA, Geraldo C. **Imigração haitiana para o Brasil – a relação entre trabalho e processos migratórios**. Porto Velho, 2014.

COTINGUIBA, Maria Lima Pimentel; COTINGUIBA, Geraldo Castro. Imigração haitiana para o Brasil: os desafios no caminho da educação escolar. **Revista Pedagógica**. Chapecó, Unochapecó, 2014.

DAP - DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe**. São Paulo, Paulus, 2009.

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria da Consolação G. Projeto: **Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral**. Brasília, 2014.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. O Haiti é aqui: primeiros apontamentos sobre os imigrantes haitianos em Balneário Camboriú – SC. **Revista PerCursos**. Florianópolis, v.15, n.28, p. 223-256, jan/jun., 2014.

PARISE, Paolo. Movimento global da Imigração. **Revista Ave Maria**. São Paulo, ano 118, junho de 2016.

PAPA FRANCISCO. Movimento global da Imigração. **Revista Ave Maria**. São Paulo, ano 118, junho de 2016.

VV.AA. **Cadernos de Debates**: Refúgio, Migrações e Cidadania, v.10, n.10. Brasília, Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2015.

ZAMBERLAM, Jurandir, *et al.* **Os novos rostos da imigração no Brasil**: haitianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Solidus, 2014.

\_\_\_\_\_. **Migrações no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Solidus, 2016.

WORLD BANK. **The Migration and remittance fact book-2011**. World Bank Washington. Disponível em: <https://siteresources.worldbank.org/INTLAC/Resources/Factbook2011-Ebook.pdf> Acesso em 07 de agos de 2017.

<sup>i</sup> Sobre autores:

**Valnei Brunetto** (<https://orcid.org/0000-0003-4168-1597>)

Mestre em Educação pela Universidade Comunitária da região de Chapecó- Unochapecó. Atua na Pastoral do Imigrante do município de Xaxim – SC.

**Cláudia Battestin** (<https://orcid.org/0000-0001-7871-9275>)

Doutora em educação pela Universidade Federal de Pelotas -UFPel. Professora do programa de pós graduação em Educação na Universidade Comunitária da região de Chapecó- Unochapecó.

**Leonel Piovezana** (<https://orcid.org/0000-0001-8577-319X>)

Doutor em desenvolvimento regional pela Universidade DE Santa Cruz do Sul -UNISC. Professor do programa de pós graduação em Educação na Universidade Comunitária da região de Chapecó- Unochapecó.

**Como citar este artigo**: BRUNETTO, Valnei; BATTESTIN, Cláudia e PIOVEZANA, Leonel. O fenômeno migratório haitiano e sua implicação no universo da educação. *Revista Educação, Cultura e Sociedade*, vol. 12, n. 1, p. 65 – 74, 25ª Edição, 2022. <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs>

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011 e avaliada pela CAPES.

**Indexadores**: DOAJ – REDIB – LATINDEX – LATINREV – DIADORIM – SUMARIOS.ORG – PERIÓDICOS CAPES – GOOGLE SCHOLAR